



Narrativas de experiências bem-sucedidas de aprendizagem de língua inglesa na escola regular¹

Climene F. Brito Arruda²

Programa de Estudos Linguísticos da UFMG

Resumo: Sabemos da complexidade do processo de aprendizagem de língua inglesa. Observamos aprendizes que vivenciam momentos de entusiasmo e de desânimo. Momentos de desânimo, os quais muitas vezes levam à desistência do estudo, são marcados por relatos de dificuldades enfrentadas e por crenças equivocadas em relação ao processo de aprendizagem da língua. Sendo assim, como se configurariam experiências bem sucedidas neste processo, na voz dos próprios aprendizes? O presente trabalho objetiva descrever um conjunto de experiências positivas de aprendizagem de inglês relatadas por um aprendiz, por meio de narrativa. Minha motivação, ao buscar compreender tais experiências, apóia-se na esperança de que outros aprendizes e professores vislumbrem possibilidades de êxito em contextos semelhantes de aprendizagem e, então, transformem suas experiências. Os resultados demonstram que as de natureza cognitiva e motivacional, seguidas pelas de natureza afetiva e conceptual, destacam-se na narrativa. As implicações desses resultados evidenciam que tratar de questões relacionadas a essas experiências de aprendizagem, na sala de aula de língua, pode fazer diferença no aprendizado dos estudantes de língua inglesa da escola regular.

Palavras-chave: experiências de sucesso, aprendizagem, língua inglesa

Abstract: We acknowledge the complexity of the process of learning English. Learners experience moments of enthusiasm and helplessness; the latter of which may account for withdrawal from study, marked by reports of difficulties and misconceived beliefs about second language development (SLD). So, what are successful SLD experiences like in the voice of the learners themselves This paper aims to describe a set of positive learning experiences reported by an English learner, through narrative. My motivation in seeking to understand these experiences, rests on the hope that other learners and teachers envisage possibilities of success in similar contexts of learning and then transform their experiences. By mapping and categorizing learning experiences, we observed that the ones of cognitive and motivational nature, followed by the ones of affective and conceptual nature, stand out in the narrative. Implications suggest that addressing issues related to these language learning experiences, in language classroom, may make a difference in English learning of students from regular school.

Keywords: successful experiences, learning, English language

¹ Agradeço a Profa. Dra. Laura Miccoli pelas sugestões a uma versão preliminar deste artigo.

² climenearruda@gmail.com



1. Introdução

Ao observarmos o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, nos deparamos com sua complexidade. É possível observar momentos ora de entusiasmo, ora de desânimo nos quais aprendizes e professores se engajam durante este processo. Muitos aprendizes iniciam a aprendizagem da língua inglesa cheio de expectativas para se desapontarem ao longo do caminho. E desistem de aprender. Muitos professores não acreditam que seus alunos possam aprender inglês na escola regular. E conduzem sua prática pedagógica convencidos dessa realidade.

Parece-nos recorrente, no discurso dos professores e aprendizes, o relato de dificuldades/impossibilidades em relação ao processo de ensinar e aprender a língua alvo na escola regular. Um sistema de crenças que parece impedir o desenvolvimento na aprendizagem na escola regular do Brasil se revela. “Eu não consigo falar [em inglês]”; “Eu não entendo nada quando escuto [em inglês]”; “Só se aprende uma língua estrangeira em curso livre ou fora do país.”³; “ Não se aprende inglês no colégio”; “Os alunos da escola pública não têm acesso à cultura, por isso só conseguem aprender o básico”; “Eles não mostram interesse em aprender”; “ Os alunos são tão fracos...”, “Eles não sabem português, quanto mais inglês”⁴, são exemplos de dificuldades relatadas e de crenças prejudiciais à aprendizagem.

Sabemos que problemas sócio-econômicos, falta de material didático adequado, falta de suporte pedagógico, falta de proficiência [do professor] na língua-alvo e baixo status da profissão de professor apresentam problemas ao ensino/aprendizagem da língua. Como enfrentar desafios tão grandes? Não há resposta pronta para essa pergunta. No entanto, não podemos simplesmente nos conformar e simplesmente concordamos que aprender inglês em colégio não é possível. De fato, precisamos conduzir investigações sobre experiências bem-sucedidas de aprendizagem de língua inglesa na escola regular, pública ou particular, a fim de inspirar outros a vivenciarem experiências semelhantes. É importante ter em mente, no entanto, o que Miccoli (2011a:181) nos lembra: “... fica claro, não haver receitas que garantam o sucesso da aprendizagem”. Mais adiante, em seu artigo, essa autora observa que “a

³ Crença discutida em Barcelos, 1999.

⁴ Crença equivocada discutida em Moita Lopes, 1996.



aprendizagem dependerá do sentido que o estudante encontrar naquilo que acontece em sala de aula” (p. 181). Assim, não buscaremos relatar receitas de sucesso. Percebemos é a necessidade de buscarmos levantar, por meio da compreensão de experiências de sucesso⁵, ações que poderiam produzir mudança e transformação para aprendizagem efetiva da língua inglesa. Com esta motivação, o seguinte questionamento norteou uma pesquisa piloto de doutoramento, ora descrita neste artigo: ao investigarmos um conjunto de experiências bem-sucedidas de aprendizagem, no contexto da escola regular, que padrões sobre a natureza dessas experiências podemos evidenciar? Se consideramos as experiências de sucesso como fundamentais no processo de aprendizagem, como se instituir ações que fomentem tais experiências?

2. O termo experiência e sua importância na pesquisa educacional

Em sua revisão, Miccoli (projeto ACCOOLHER⁶) observa, a partir de investigações na filosofia e nas ciências cognitivas, que “a experiência constitui-se como fenômeno vivo, típico de nossa herança biológica e de nossa existência em comunidades, transformando-nos e transformando nossa existência”. Ao descrever o projeto, Miccoli (op.cit.) prossegue sua explanação sobre o fenômeno da experiência. Em suas palavras:

(...) a experiência não pode ser reduzida a um fenômeno pessoal e individual, devendo ser compreendida como a manifestação pessoal de um processo contínuo e em constante evolução pela constituição histórica dos indivíduos que são, por sua vez, historicamente constituídos a partir das experiências dos outros.

⁵ Ao falar sobre experiências de sucesso de aprendizagem, refiro-me àquelas nas quais os estudantes e/ou professores relatam satisfação e resultado de aprendizagem de ILE (Inglês como Língua Estrangeira).

⁶ ACCOOLHER refere-se à **A**tividade, **C**omplexidade e **C**olaboração: **O**bservando e **O**uvindo **L**ições, **H**istórias, **E**xperiências e **R**eflexões. Este projeto dá continuidade às pesquisas que a profa. Dra. Laura Miccoli tem realizado e orientado sobre o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no contexto da sala de aula em escolas públicas e particulares, tendo como evidências empíricas as experiências vivenciadas por professores e estudantes de línguas estrangeiras. Essa pesquisadora explica que o projeto ACCOOLHER abarca subprojetos de estudantes de graduação e pós-graduação, bem como, pesquisadores parceiros no Brasil e no exterior.



Ao falar sobre o valor da pesquisa em experiências, Miccoli (2009) explica que esse valor reside em fazer com que uma rede intrincada de relações⁷ – que ocorre na sala de aula de língua estrangeira – possa emergir, expondo, assim, a complexidade desse tipo de ensino. Essa pesquisadora observa: "o trabalho com experiências permite ao pesquisador fazer sentido do emaranhado representado nos dados, ajudando a separar as diversas dimensões daquilo que, para o aprendiz, acontece dentro e fora de sala de aula, ao longo do processo de aprendizagem" (MICCOLI, 2011b).

Em Miccoli (2006), temos que:

Se explorarmos melhor o conteúdo das experiências reportadas por professores, conheceremos mais sobre o processo que é o ensinar, o facilitar ou o orientar. Se explorarmos melhor as experiências reportadas por estudantes, saberemos mais sobre o processo que é o estudar e o aprender. (p. 234)

Diante disso, percebemos a relevância de se observar e ouvir relatos pessoais dos atores principais – professores e estudantes – do contexto da sala de aula. Por meio de narrativas de estudantes e professores relacionadas as experiências vivenciadas é possível se obter uma descrição do processo de aprendizagem em sala de aula. Vale ainda ressaltar que Miccoli, ao detalhar o projeto ACCOOLHER, argumenta que nos tempos atuais há uma predominância de modelos cognitivos e carência de modelos teóricos fundamentados em experiências nos estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem. É exatamente esse tipo de pesquisa que pretendemos descrever aqui: investigação de como se configurariam experiências bem-sucedidas de aprendizagem, na voz dos próprios aprendizes.

⁷ Miccoli (2009) apresenta a Figura 4 intitulada- The Challenge of In-Classroom Foreign Language Teaching and Learning – O Desafio do Ensino e Aprendizagem da Sala de Aula de Língua Estrangeira (minha tradução), na qual a autora elenca uma série de categorias que fazem parte da sala de aula de língua estrangeira. Só para citar algumas delas: a personalidade do professor e do aluno; emoções; sentimentos; crenças; circunstâncias; persistência; independência; autoconhecimento; transformação; autonomia; competição; sociedade; influência familiar; interação entre professores e estudantes; interação entre estudantes; objetivos; motivos, etc.



3. Metodologia

Com o objetivo de compreender um conjunto de experiências bem-sucedidas de aprendizagem de língua inglesa, conduzi uma pesquisa narrativa.

Barcelos (2006, p. 148) afirma que vários estudiosos defendem a narrativa como “instrumento ou método por excelência que captura a essência da experiência humana e, conseqüentemente, da aprendizagem e mudança humana.” Na mesma direção, Clandinin & Connelly (2000:19) afirmam que “a experiência educacional deveria ser estudada através de narrativas”, por preservar o ponto de vista do narrador. Estes pesquisadores explicam que:

A investigação narrativa como metodologia implica uma visão do fenômeno. Utilizar uma metodologia de investigação narrativa é adotar uma visão narrativa particular da experiência como um fenômeno sob estudo. (CLANDININ & CONNELLY, 2006, p.477)

Segundo Josselson (2010), a pesquisa narrativa envolve obtenção de relatos fenomenológicos de experiência de pessoa ou pessoas sob investigação, e a prática epistemológica apóia-se na hermenêutica, uma forma disciplinada de se mover do texto para o significado. Essa autora explica que essa modalidade de pesquisa tem caráter interpretativo, uma vez que, o sentido é (co)construído nos diferentes níveis de análise.

Polkinghorne (1988, p. 163) afirma que: “as pessoas se esforçam para organizar sua experiência temporal em conjuntos significativos e usar a forma narrativa como um padrão para unir os eventos de suas vidas em temas que se revelam.”⁸ Sendo assim, entendo que as narrativas (como instrumento e/ou método) são importantes para analisar experiências de aprendizagem.

⁸ Tradução minha de: People strive to organize their temporal experience into meaningful wholes and to use the narrative form as a pattern for uniting the events of their lives into unfolding themes.



Para investigar um conjunto de experiências de aprendizagem de sucesso, coletei narrativas de quatro estudantes, dois da rede pública de ensino⁹ e dois da rede particular, de um bairro de periferia da capital de Minas Gerais. O critério de escolha destes estudantes foi o seguinte: pedi a dois professores – um de escola pública e outro de escola particular, que me apontassem dois estudantes que se destacavam em inglês e que não tivessem feito ou que não fizessem curso livre de inglês.

Após o consentimento expresso dos pais desses estudantes, para a realização da pesquisa, gravei (1) uma entrevista em inglês com os estudantes para atestar a sua proficiência e (2) seus depoimentos sobre os próprios processos de aprendizagem de inglês. O roteiro da narrativa oral, sobre suas experiências de aprendizagem, foi o seguinte:

1- Gostaria que você me contasse sobre o seu processo de aprendizagem de língua inglesa. Como você tem aprendido inglês?

2- O que você aponta como mais importante para seu desenvolvimento? Por quê?

3- Sua professora me diz que você se destaca no inglês e que não estudou em cursos livres. O que fez a diferença na escola?

4- Alguma experiência em sala de aula marcou você de uma maneira especial? Você poderia narrá-la?

5- A que você atribui o seu sucesso no inglês?

Na análise dos dados coletados, utilizei os procedimentos sugeridos em Miccoli (2007), ou seja, fiz o mapeamento e categorização das experiências narradas. Das quatro narrativas, escolhi a narrativa de apenas um estudante devido à riqueza dos dados revelados.¹⁰

A classificação foi feita com base no quadro de categorização de experiências de aprendizagem de Miccoli & Bambirra (2009).¹¹ As categorias levantadas foram apresentadas a

⁹ Na escola pública, coletei narrativas de um estudante do sexto ano e outro do sétimo ano. Na escola particular, de dois estudantes do nono ano.

¹⁰ Lieblich et. al. (1998) apontam os seguintes problemas na pesquisa narrativa: grande quantidade de material e trabalho de interpretação.

¹¹ Veja o quadro de categorização de experiências de aprendizagem proposta por Miccoli & Bambirra (2009) em anexo.



dois outros pesquisadores para que as validassem. Após a validação, quantifiquei as categorias de natureza das experiências, em percentuais de frequência de ocorrência.

4. Resultados

Nesta pesquisa, busquei compreender sobre a natureza das experiências bem-sucedidas de aprendizagem de língua inglesa de um estudante do 9º ano do ensino fundamental, de uma escola particular de um bairro de periferia da capital de Minas Gerais. Ao fazer o mapeamento das experiências, obtive a seguinte categorização, conforme quadro abaixo.

Experiências Cognitivas	Experiências Motivacionais	Experiências Afetivas	Experiências Conceptuais	Experiências Sociais	
COG	MOT	AFE	CPT	SOC	
Cog 1- 2	Mot 1 – 2	Afe1- 3	Cpt2 -2	Soc 4 -2	
Cog 3- 1	Mot 2 – 4	Afe 6 -2	Cpt3 -1	TOTAL = 2	
Cog 4 – 1	TOTAL = 6	TOTAL = 5	Cpt5 -1		
Cog 5 – 2			TOTAL= 4		
Cog 6 – 1					
Cog 7 - 1					
TOTAL = 8					

Figura 1 – Categorias e Subcategorias das experiências de aprendizagem narradas pelo estudante E do 9º ano

A representação gráfica das categorias de experiências é mostrada a seguir:

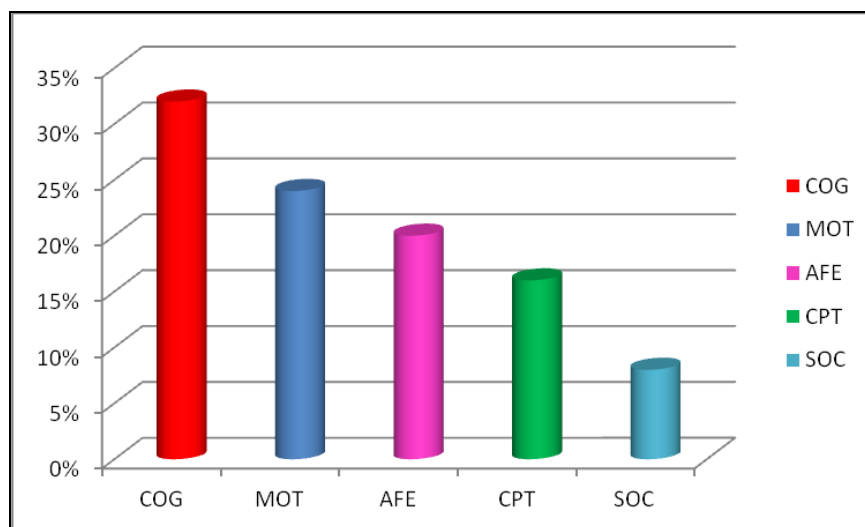


Figura 2- Categorização da natureza das experiências de aprendizagem do estudante E.

Observamos que as experiências de natureza cognitiva se revelaram em um maior número (32%), nas narrativas deste aprendiz. As Experiências Cognitivas estão relacionadas ao processo de aprender, entender e adquirir conhecimentos (MICCOLI, 2010).

As experiências motivacionais e afetivas se destacam em seguida, com 24% e 20% respectivamente. As Experiências Motivacionais referem-se à promoção do desenvolvimento da autonomia do informante (BAMBIRRA, 2009), já as Experiências Afetivas são relativas ao lado afetivo e emocional. (MICCOLI, 2010)

A terceira e a quarta categorias, com maior incidência, são respectivamente as de natureza conceitual (16%) e social (8%). As Conceituais contêm referências a concepções, crenças e conceitos sobre o ensino/aprendizagem e as Experiências Sociais são referentes a organização da interação e como professores e estudantes se relacionam (MICCOLI, 2010).

Ao analisar as experiências, agora em subcategorias, observamos o resultado, mostrado na representação gráfica abaixo.

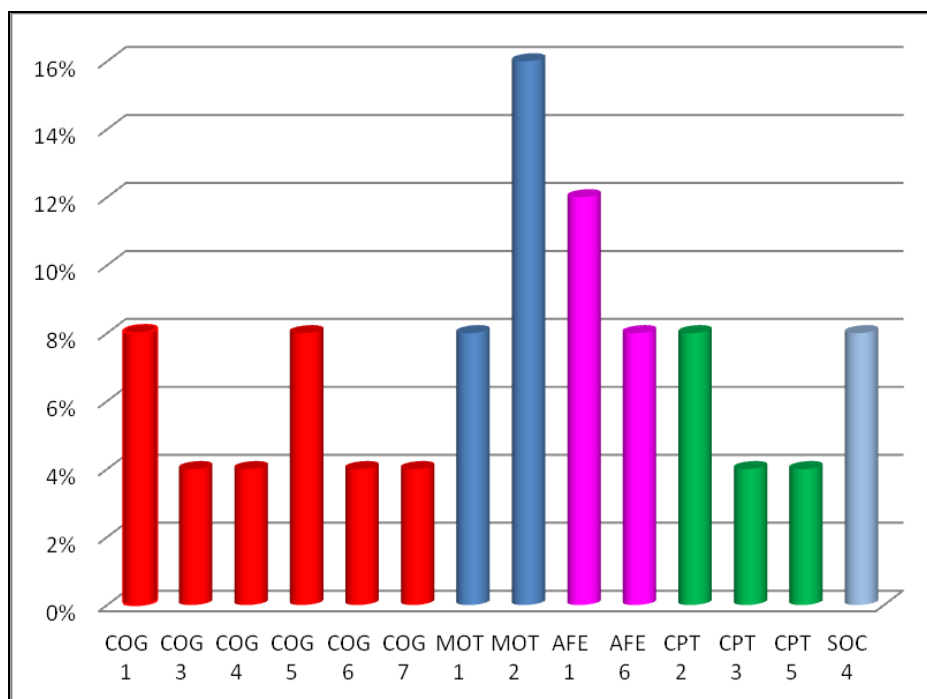


Figura 3- Análise das subcategorias de experiências de aprendizagem do estudante E.

As experiências de natureza cognitiva de maior frequência foram as Cognitivas 1 e 5, com 8 % , seguidas pelas Cognitivas 3, 4 e 6 com 4 %. Na subcategoria de Experiência Cognitiva 1 estão os depoimentos que fazem menção das percepções sobre atividades em sala de aula, já a de Experiência Cognitiva 5 trata da percepção do ensino em sala de aula.(MICCOLI, 2010) Na subcategoria de Experiência Cognitiva 3 estão os relatos relativos às percepções sobre participação e desempenho nas atividades em sala de aula, enquanto que a Experiência Cognitiva 4 refere-se as experiências de aprendizagem em geral. A Experiência Cognitiva 6, por sua vez, inclui as experiências cognitivas paralelas às atividades de sala de aula (MICCOLI, 2010).

Observe os excertos, a seguir, que revelam a natureza de experiências cognitivas. Ao ser perguntado sobre com fez a diferença para ele na escola, o estudante disse: “Na escola, as atividades e os ‘para-casas’, os livros didáticos... eram as brincadeiras que a professora fazia.” (COG 1) Ainda, ao pedir que relatasse alguma experiência em sala de aula, que o tivesse



marcado de uma maneira especial, o estudante mencionou uma experiência dessa natureza: “a gente falava inglês, daí a gente aprendia bastante.” (COG 3 e COG 5)

Nas experiências de natureza motivacionais, a subcategoria Motivacional 2 aparece com 16 % e a Motivacional 1 com 8%. A Experiência Motivacional 2 refere-se ao investimento em autonomia, enquanto que a Motivacional 1 faz referência à aceitação da responsabilidade (BAMBIRRA, 2009).

Ilustro, a seguir, com um exemplo do discurso do estudante. Quando perguntado sobre o que ele apontava como mais importante para o seu desenvolvimento no inglês, ele relata: “eu tenho uma necessidade pra eu entender o jogo, daí eu tenho que aprender as palavras.” (MOT 1 E MOT 2)

Na subcategoria das experiências de natureza afetiva, as que se destacaram foram a Afetiva 1 e 6, com 12 % e 8 % respectivamente. A Experiência Afetiva 1 refere-se as experiências de sentimentos (MICCOLI, 2010), já a Afetiva 6 estão as experiências que se referem às atitudes do professor, na visão do aprendiz (BAMBIRRA, 2009).

No discurso do estudante tais experiências se revelam, como por exemplo, no seguinte excerto: “desde pequenininho eu estudo aqui, e eu estudava ali naquela sala (apontando), daí a gente aprendia inglês e eu também gostava muito, porque a professora brincava com a gente.” (AFE 1 e AFE 6)

Em relação às experiências conceituais, as frequências foram as seguintes: A Conceptual 2 teve incidência de 8 %, já as Conceptual 3 e Conceptual 5, de 4 % cada uma. Na Experiência de natureza Conceptual 1 estão incluídas as experiências que descrevem as crenças dos alunos sobre ensino de inglês. A Experiência Conceptual 3 inclui experiências relativas a conscientização do próprio processo de aprendizagem(MICCOLI, 2010). Já a Experiência Conceptual 5 refere-se as concepções sobre o papel do estudante (BAMBIRRA, 2009).

Veja, a seguir, excerto do discurso do estudante que revela tal tipo de experiência: “eu aprendo mais as palavras, as ‘coisas’ fora de sala,..., principalmente jogando” (CPT 3).



Finalmente, em relação à subcategoria da experiência de natureza social a que se revelou, no discurso do estudante, foi a Experiência Social 4 a qual está relacionada com a prática do professor (BAMBIRRA, 2009).

Ao responder sobre o que ele atribui o seu desenvolvimento em relação a fala da língua o estudante pondera: “a professora começou a falar inglês esse ano, daí ela só fala inglês. A professora falando e ela sempre treina a gente, se a gente erra, ela pede pra falar de novo” (SOC 4).¹²

Desse modo, ao mapear e a analisar as experiências bem-sucedidas de aprendizagem do estudante observamos que as experiências cognitivas revelam-se em maior número (32% das experiências). Isso se explica porque o roteiro de narrativa oral apresenta perguntas com enfoque no processo de aprendizagem e no contexto da sala de aula e, também, pelo fato de que o estudante percebe sua aprendizagem na língua.

Quando o estudante, desta pesquisa, responde perguntas sobre a aprendizagem em geral, como por exemplo, como ele tem aprendido inglês e a que ele atribui seu sucesso no inglês, as experiências de natureza motivacional surgem (24% das experiências). Assim, o estudante investe em sua aprendizagem e aceita sua responsabilidade neste processo, pois tem objetivos estabelecidos, os quais, segundo ele, são jogar jogos e assistir a seriados em inglês.

Constatamos também, em seu relato, que as experiências de natureza afetiva – sentimentos dos estudantes e atitudes dos professores, se mostram significativos para a aprendizagem desse estudante (20 % das experiências). Desse modo, esta pesquisa corroborou o fato de que fatores afetivos influenciam o processo de ensino/aprendizagem.

Destacamos que a prática do professor – experiência social, é apontada pelo estudante como um dos fatores para o seu desenvolvimento na fala (16 % das experiências). A

¹² Discorrendo sobre o seu desenvolvimento da fala, o estudante complementa: “eu acho que a televisão, ajuda você ouvir alguns programas, uma série tipo House, que são em inglês, não são traduzidas, só com legenda.” Essa é uma experiência de natureza motivacional. (MOT 2 – investimento em autonomia)



constatação da pesquisa é que a prática do professor, em sala de aula, levou o estudante a vivenciar experiências de sucesso.

Finalmente, ressaltamos que o levantamento das subcategorias de experiências identificadas, na narrativa deste estudante, mostra que as MOT 2 – investimento na autonomia (16 %) e as AFE 1– experiências de sentimentos (12%) são mais recorrentes. Em outras palavras, as experiências relatadas pelo aprendiz, como bem-sucedidas, são em índice mais elevado em relação às de natureza motivacional e afetiva.

5. Considerações Finais

Os resultados deste estudo demonstram que um estudante, do 9º ano da escola regular, vivencia, em maior incidência, experiências bem-sucedidas de natureza cognitiva e motivacional, seguidas pelas, de natureza afetiva e conceptual.

A investigação evidencia que é possível aprender inglês na escola, uma vez que, o discurso do aprendiz, retrata que as experiências em maior número são experiências de aprendizagem de inglês, no contexto da sala de aula e fora da sala de aula. Tal compreensão poderia trazer mudança da crença de que não se aprende uma língua estrangeira neste contexto e, então, levar a transformação de ações de professores e estudantes. Entendemos que oportunizar momentos de reflexão aos estudantes sobre o que eles têm aprendido nas aulas de língua ajudaria a desmistificar a crença da não aprendizagem. A própria narrativa pode ser um instrumento para a reflexão; momento em que eles darão sentido as suas experiências.

As implicações desses resultados evidenciam que tratar, na sala de aula de língua, de questões relacionadas às experiências destacadas nesta pesquisa, pode fazer diferença no aprendizado dos estudantes de língua inglesa, da escola regular. Nesse sentido, os professores, da escola regular, poderiam conduzir seus estudantes a vivenciarem experiências bem-sucedidas de aprendizagem se levarem em conta: (1) suas ações pedagógicas; (2) os fatores motivacionais; (3) os fatores afetivos; (4) as concepções e crenças.



Os professores devem buscar conhecer seus estudantes e construir relacionamentos para subsidiar as ações pedagógicas que produzem sentido para eles. Deve ouvi-los, considerar seus interesses e orientá-los para alcançarem suas metas.

Finalmente, apontamos também a importância dos professores promoverem momentos de discussão sobre as concepções e crenças de seus estudantes a respeito do processo de aprender a língua inglesa.

6. Referências

BAMBIRRA, M.R.A. Desenvolvendo a autonomia pelas trilhas da motivação, autoestima e identidade: uma experiência reflexiva. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 249 p.

BARCELOS, A.M.F. A Cultura de Aprender Línguas (Inglês) de Alunos no curso de Letras. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P. (Org.) *O Professor de Língua estrangeira em Formação*. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 157-177.

_____. Narrativas, crenças e experiências de aprender inglês. *Revista Linguagem e Ensino*, v.9. n.2, Pelotas: UCPel, 2006a. p. 145-175.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass Inc. 2000.

CONNELLY, F. M. & CLANDININ, D. J.. Narrative inquiry. In Green, J., Camilli, G. & Elmore, P (Eds.), *Handbook of complementary methods in education research*. (3rd ed, pp. 477-487). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2006

JOSSELYN, R. "Bet you think this song is about you": Whose narrative is it in the Narrative Research? Keynote speech, Narrative Matters, Canada, 2010.

MICCOLI, L.S. Tapando buracos em um projeto de formação continuada à distância para professores de LE. *Linguagem e Ensino*, v. 9, n. 1, p. 129-158, 2006.

_____. Experiências de estudantes em processo de aprendizagem de língua inglesa: por mais transparência. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-224, jan./jun, 2007



_____. Experience in in-classroom foreign language teaching and learning in Brazil: conceptualization, synthesis and implications. (unpublished manuscript, 2009)

_____. *Ensino e aprendizagem de inglês: experiências, desafios e possibilidades*. Campinas: Pontes Editores, 2010. 280p.

_____. O ensino na escola pública pode funcionar, desde que... In: LIMA C.D. (Org.) *Inglês em escolas públicas não funciona?* São Paulo: Parábola Editorial, 2011a. p. 171-184.

_____. (IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada). Comunicação pessoal, 2011b.

MOITA LOPES, L.P. “Eles não aprendem português quanto mais inglês”. A ideologia da falta de aptidão para aprender línguas estrangeiras em alunos da escola pública. In: MOITA LOPES, L.P. *Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 63-80.

POLKINGHORNE, D. E. *Narrative knowing and the human sciences*. New York: State University of New York Pres, 1988. 232p.



Anexo

<p>EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA DE L2</p> <p><i>Framework adaptado por Miccoli & Bambirra (2009)</i></p>	<p>EXPERIÊNCIAS INDIRETAS</p> <p><u>Experiências Contextuais</u></p> <p>Con 1. <u>Experiências Institucionais</u> Con 2. <u>Experiências extra-institucionais</u> Con 3. <u>Experiências relativas à língua estrangeira</u> Con 4. <u>Experiências relativas ao material didático usado</u> Con 5. <u>Experiências relacionadas a tempo</u> Con 6. <u>Experiências decorrentes da estrutura física da sala</u> Con 7. <u>Experiências decorrentes da pesquisa</u></p> <p><u>Experiências Pessoais</u></p> <p>Pes 1. <u>Experiências sócio-econômicas</u> Pes 2. <u>Experiências anteriores</u> Pes 3. <u>Experiências atuais na vida pessoal</u> Pes 4. <u>Experiências atuais no trabalho e no estudo</u> Pes 5. <u>Experiências de reflexão</u> Pes 6. <u>Experiências de autoconhecimento</u> Pes 7. <u>Ressignificação de experiências de aprendizagem</u></p> <p><u>Experiências Conceptuais</u></p> <p>Cre 1. <u>Ensino de inglês</u> Cre 2. <u>Aprendizagem de inglês</u> Cre 3. <u>Aprendizagem pessoal</u> Cre 4. <u>Responsabilidade</u> Cre 5. <u>Papel do estudante</u> Cre 6. <u>Papel do professor</u> Cre 7. <u>Ressignificação de crenças</u></p> <p><u>Experiências Pró-Autonomia</u></p> <p>Mot 1. <u>Aceite da responsabilidade pela aprendizagem</u> Mot 2. <u>Engajamento no desenvolvimento de sua autonomia</u> Mot 3. <u>Experiências identitárias</u> Mot 4. <u>Estabelecimento de metas</u> Mot 5. <u>Formalização de intenções</u> Mot 6. <u>Operacionalização de metas</u> Mot 7. <u>Gerenciamento da motivação</u></p>
<p>EXPERIÊNCIAS DIRETAS</p> <p><u>Experiências Cognitivas</u></p> <p>Cog 1. <u>Experiências nas atividades em sala de aula</u> Cog 2. <u>Identificação de objetivos, dificuldades e dúvidas</u> Cog 3. <u>Experiências de participação e desempenho</u> Cog 4. <u>Experiências de aprendizagem</u> Cog 5. <u>Avaliação do ensino</u> Cog 6. <u>Experiências paralelas às atividades de sala de aula</u> Cog 7. <u>Estratégias de aprendizagem</u></p> <p><u>Experiências Sociais</u></p> <p>Soc 1. <u>Interação e relações interpessoais</u> Soc 2. <u>Tensão nas relações interpessoais</u> Soc 3. <u>Experiências por ser estudante</u> Soc 4. <u>Experiências com a prática do professor</u> Soc 5. <u>Experiências em grupos ou em dinâmicas de grupo</u> Soc 6. <u>Experiências da turma</u> Soc 7. <u>Estratégias sociais</u></p> <p><u>Experiências Afetivas</u></p> <p>Afe 1. <u>Experiências de sentimentos</u> Afe 2. <u>Experiências de motivação e interesse</u> Afe 3. <u>Experiências de esforço e persistência</u> Afe 4. <u>Experiências de autoestima</u> Afe 5. <u>Atitudes pessoais</u> Afe 6. <u>Atitudes do professor</u> Afe 7. <u>Estratégias afetivas</u></p>	